

## APRESENTAÇÃO

O volume 23, número 3, da revista *Em Tese* traz como tema “Conflitos com o Outro na Literatura Anglófona”. No primeiro número com dossiê dedicado à literatura em língua inglesa na história da revista, buscamos questionamentos relacionados aos diversos Outros das várias literaturas escritas na língua: o dossiê conta com artigos que versam sobre conflitos raciais, conflitos de gênero (tanto do viés feminino quanto do masculino), relações entre colonizadores e colonizados, literatura de guerra e até mesmo ficção científica. Há uma notável riqueza de temas nos artigos selecionados, que publicamos em português ou em inglês; a entrevista também traz as posições políticas e literárias de uma escritora de poemas e romances, sem mencionar a curadoria de poesias, ilustrações e de um texto dramático, para evidenciar a força e a variedade de Outros que avançam em sua relevância e impacto na literatura e nas outras artes.

A seção **Dossiê** se inicia com o artigo de José Ailton de Souza, que discute *Kindred*, uma das obras mais marcantes da autora Octavia Butler e suas relações com conflitos raciais e de gênero em uma obra de ficção científica. O autor observa princípios de rejeição corporal na protagonista, como a ânsia, e criteriosamente traz possíveis simbolismos para a trajetória de viagens no tempo da personagem e seu desfecho, marcando um encontro violento com a alteridade na recuperação de imagens do passado escravocrata dos Estados Unidos. Diana Rodrigues, por sua vez, traz quatro instâncias da representação de personagens transexuais na literatura, indicando estruturas narrativas que já foram usados para mostrar esses indivíduos como monstros, como algo além do humano ou como patologias, com exemplos de uma mudança nessa representação limitada e dicotômica em quadrinhos recentes, como *Alters*, que trazem a personagem transexual de forma mais completa e, por conseguinte,

complexa. Já Marcela de Oliveira Lemos traz em seu artigo uma argumentação em favor da aceitação da literatura de guerra escrita por mulheres em detrimento da ideia arcaica de que mulheres, por não estarem nas trincheiras, não podem escrever sobre a guerra, indicando críticas como Virginia Woolf e Adrienne Rich e diversos autores da literatura de guerra, aceitos no cânone, que nunca estiveram em batalha. Dessa forma, ela conclui como essa exclusão não é derivada de um privilégio pela experiência real de guerra, mas de um corte marcadamente patriarcal. Diego Malachias dos Santos contribui com uma análise prolífica e detalhista dos conflitos envolvendo masculinidade na literatura de Stephen King, dividindo seu comentário entre as relações entre homens e homens e homens e mulheres. Ele identifica, nas obras mais antigas, uma masculinidade estereotípica e violenta, muitas vezes homofóbica; em obras mais recentes, King exerce uma inversão de papéis

– a personagem feminina oprimindo um homem – que, para o autor, não resolve a representação da masculinidade no contemporâneo. Em seguida, Jivago Gonçalves e Sebastião Lopes trazem uma análise da representação do subalterno Sexta-feira em *Foe*, de Coetzee. Sua análise com raízes nos Estudos Pós-Coloniais ou Decoloniais traz a dificuldade de comunicação entre o sujeito europeu e o sujeito colonizado que não usa das mesmas formas de expressão – porém, se ele as usasse, como citam os autores, como o sujeito europeu continuaria com sua exploração? Camila Franco Batista contribui para a discussão do dossiê observando o deslocamento de um personagem do papel de vítima para o papel de perpetrador da violência, conforme o personagem McNulty, de Sebastian Barry, fome da Grande Fome na Irlanda para se tornar um soldado pela expansão estadunidense para o oeste. A autora reconhece, assim, a exploração da transnacionalidade derivada da

emigração em massa de irlandeses e de suas conexões na literatura. Finalmente, Ane Caroline Ribeiro Costa analisa os espaços em *Sanctuary*, de William Faulkner, e sobre uma mudança recente na perspectiva crítica da protagonista Temple Drake. A autora indica o trânsito da protagonista entre os espaços que, mesmo quando cheios de mulheres, ainda se configuram de acordo com o poder patriarcal, apontando como os procedimentos de justiça não buscam ouvir o que acontece com Temple, mas apenas condenar um suspeito. Para a autora, a obra pode ser lida como uma visão de como o discurso do estupro marca os espaços de todas as mulheres e lhes tolhe a capacidade de falar sobre suas experiências.

Na seção **Ensino de Literatura**, Luiz Henrique Carvalho Penido faz uma reflexão sobre o lugar da teoria literária e suas articulações com a instituição escolar e universitária.

“Literatura, ensino e democracia: apontamentos sobre a crise” dialoga com os pensadores Barthes, Foucault e Derrida sobre o ensino de literatura emancipador.

Na seção **Teoria, Crítica Literária, Outras Artes e Mídias**, Cleonice Antunes e Joelma Siqueira apresentam a poesia crítica produzida por João Cabral de Melo Neto a partir da obra da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. As autoras remontam o vínculo de ambos artistas com a realidade na qual estão inseridos, bem como investigam as figurações estéticas de um na poesia do outro. No texto seguinte, Sophia Diesel traz à baila o romance *Little Dorrit*, de Charles Dickens, mantendo como foco de seu estudo a linguagem irônica e mordaz desenvolvida pelo autor. Diesel mostra como o humor do romancista inglês provoca o leitor a questionar a comunicabilidade humana em suas mais variadas facetas. Nas palavras do

próprio Dickens: “when a man bleeds inwardly, it is a dangerous thing for himself; but when he laughs inwardly, it bodes no good to other people”. Fechando o segmento, Valter Pinheiro revisita o conto “Briga das Pastoras”, interface pouco conhecida da obra de Mário de Andrade. Pinheiro apresenta com minúcia o interesse do multiartista paulista no folclore nordestino, apresentando consonâncias entre o narrador do conto e o próprio autor – ambos sendo ávidos conhecedores de etnologia e etnografia.

Na seção **Tradução e Edição**, Ludmila Menezes Zwick e Renato Zwick traduzem dois contos do escritor dinamarquês do século XIX, Jens Peter Jacobsen, intitulados “Dois mundos” e “Deveria ter havido rosas”.

O texto “A poesia no pensamento de Martin Heidegger e Paul Zumthor”, de Mariana Lage Miranda e Yasmin Pires, abre a seção **Em Tese** com uma aproximação entre esses dois

pensadores no que concerne à concepção de poesia como campo privilegiado para a manifestação da linguagem. Em seguida, Gustavo Frade faz uma ampla revisão e articulação sobre os estudos acerca do entendimento de Homero e das abordagens de sua poesia épica em “Homero e a questão homérica”. Uma reflexão sobre o amor em obra selecionada de Clarice Lispector é tema do artigo “Et si la sirène apprenait à tisser? Une lecture de Un apprentissage ou Le livre des plaisirs de Clarice Lispector”, de Carolina Antonaci Gama, enquanto Leonardo von Pfeil Romme considera o resgate da memória de guerra e sua importância para reavaliar o Portugal dos anos 1970 em “A representação da Guerra Colonial em Memória de elefante, de Lobo Antunes”. Finalmente, Eduard Marquardt encerra a seção com “Guy Debord e Ronaldo Brito: o *Zeitgeist* dos anos 1970”; uma aproximação de ideias entre os dois pensadores no que concerne à noção de “sociedade do espetáculo”.

Na seção **Entrevista**, trazemos a versão bilíngue de nossa conversa por e-mail com a escritora Marge Piercy (1936-), autora de títulos como *Gone to Soldiers* (1988), *Woman on the Edge of Time* (1976) e *He, She, and It* (1991). Entre várias coisas, ela fala sobre características utópicas de suas obras, de sua visão política em um cenário marcado pelos conflitos nos Estados Unidos, onde vive, e sobre a necessidade da união comunitária para melhoria da vida humana como um todo, além de falar sobre suas leituras e sobre a resistência enfrentada ao tentar publicar suas primeiras obras. As perguntas foram feitas por Amanda Pavani, com colaborações especiais de Melissa de Sá e da Prof. Lola Aronocich da UFC; também cabem agradecimentos a Elton Furlanetto, tradutor brasileiro da autora, pela verificação final da versão traduzida.

Na seção **Resenhas**, Flávia Denise de Magalhães lança seu olhar sobre o nono volume da coleção *Editando o editor* da EdUSP, escrita por Simone Homem de Mello e dedicada ao tipógrafo, poeta, artista gráfico e editor mineiro Guilherme Mansur. Dentro do universo vario do artista, Flávia destaca a importância da total materialidade do texto em seu trabalho e relembra um pouco de sua exitosa trajetória como editor de poesia.

A seção **Poéticas** deste número vem, em duas partes, abrir seu espaço para a literatura afro-brasileira e marginal. A poeta Wendy Loyola contribuiu com seus dois títulos, “Morro” e “Frito”, versões escritas de seus poemas falados com o grupo Preta Poeta, em turnê por Belo Horizonte durante o ano de 2018. Ilustram os poemas obras de JRubber e Willi César de Carvalho, a quem agradecemos enormemente pela colaboração e pela permissão de

reproduzir seu trabalho. A segunda parte da seção vem com o texto dramático AMA, do Espaço Preto, trazendo o mito de Medea para o contexto urbano e contemporâneo do morro, em um comentário sagaz sobre os enormes contrastes e noções de si em conflito que se refletem no dia a dia de violência da população marginalizada – mas que crescentemente retoma os espaços em intervenções artísticas relevantes como essa peça.

Boa leitura!

\*

Amanda Pavani  
Carolina Anglada  
Douglas Silva  
Felipe Cordeiro  
Melissa de Sá